

O coronavírus é o fruto amargo do capitalismo neoliberal maximalista

Amar Ingrachen

Algerie Culture

redaction@algeriecultures.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3909469>

Recebido / Recibido / Received: 2020-05-31

Aceitado / Aceptado / Accepted: 2020-06-26

Resumo

Em entrevista concedida ao site *Algerie Culture*, o economista e pensador argelino radicado no Canadá, Professor Omar Aktouf, explica as bases da crise sanitária que o mundo vive atualmente e argumenta sobre a responsabilidade flagrante do maximalismo neoliberal quanto ao surgimento do Coronavírus. Ao afirmar que Marx há de enterrear Friedman, Professor Aktouf clama pela tomada de consciência mundial quanto aos riscos, agora ainda mais evidentes, impostos pelo neoliberalismo ao planeta Terra ao insistir na busca por ganhos infinitos em um ambiente finito e esgotável.

Palavras-chave: Capitalismo, Coronavírus, Entrevista, Omar Aktouf.

The coronavirus is the bitter fruit of neoliberal maximalist capitalism

Abstract

In an interview with *Algerie Culture*, the Algerian economist and thinker living in Canada, Professor Omar Aktouf, explains the basis of the health crisis the world is currently going through and argues that neo-liberal maximalism is blatantly responsible for the emergence of the coronavirus. In stating that Marx will bury Friedman, Professor Aktouf calls for a worldwide awareness of the now even more obvious risks that neoliberalism imposes on planet Earth, insisting on the search for infinite profits in a finite and exhausting environment.

Keywords: Capitalism, Coronavirus, Interview, Omar Aktouf.

El coronavirus es el fruto amargo del capitalismo maximalista neoliberal

Resumen

En una entrevista con *Algerie Culture*, el economista y pensador argelino que vive en el Canadá, el profesor Omar Aktouf, explica las bases de la crisis sanitaria que atraviesa el mundo actualmente y argumenta sobre la responsabilidad flagrante del maximalismo neoliberal en la aparición del coronavirus. Al afirmar que Marx enterraría a Friedman, el profesor Aktouf hace un llamamiento para que se tome conciencia a nivel mundial de los riesgos, ahora aún más evidentes, que el neoliberalismo impone al planeta Tierra, insistiendo en la búsqueda de ganancias infinitas en un entorno finito y agotador.

Palabras clave: Capitalismo, Coronavirus, Entrevista, Omar Aktouf.

Questão: Em seu livro “Pós-Globalização, Administração e Racionalidade Econômica: a síndrome do avestruz” – publicado no Brasil pela Editora Atlas em 2004 – você trata da incapacidade das três Revoluções econômicas do mundo moderno em criar um mundo mais justo (A Revolução Industrial, a Robotização – ou Revolução pós-industrial e a Globalização), o que chama de “a tríplice traição do ideal humanista do Renascimento”. A crise advinda com o Coronavírus ilustra bem essa sua tese e desqualifica a capacidade da lógica capitalista maximalista em criar bem estar na sociedade. É possível que estejamos vivendo os últimos momentos do Capitalismo?

Resposta: Na verdade, eu abordo quatro, e não somente três, “Revoluções econômicas” do mundo moderno e suas falhas acachapantes. A “Revolução da Economia Digital ou “Nova Economia” é a terceira revolução e a “Globalização” seria a quarta. Todas elas falharam em seu propósito de oferecer melhores condições de vida à sociedade, mas também representam enormes perdas (sobre as quais eu me delongo um pouco mais em meu livro *“Hâutes au Gâchis: em finir avec l'économie-management à l'américaine”* – ainda não publicado em português – consagrado à análise da Crise de 2008). A Crise de 2008 mostrou a fragilidade do sistema capitalista e do modelo econômico hegemônico. Infelizmente, apesar das enfáticas declarações de lideranças no mundo todo (Sarkozy, Obama, Comissão Européia, FMI, Banco Mundial...) denunciando “o fim do capitalismo financeiro selvagem”, a necessidade de restringir a especulação financeira à moda “Wall Street”, de “repensar o modelo capitalista”, de “ajustar o sistema capitalista ocidental”... nada de fato foi feito nesse sentido, e o mundo retomou tranquilamente o bem conhecido capitalismo financeiro e suas atividades do “*business as usual*”. Eu avisei (juntamente com os Prêmios-Nobel J. Stiglitz e P. Krugman e os economistas eméritos R. Reich e T. Piketty, e também N. Chomsky, J. Génereux, B. Maris, D. Suzuki e outros¹) sobre os prejuízos em escalas ainda maiores – e multiformes² – que

1 Veja, também, o filme *O Cerco – A Democracia Nas Malhas Do Neoliberalismo*. L'encerclement. Direção RICHARD BROUILLETTE, 2010.

2 Isto é, considerando-se a ordem ecológica, sanitária...

a continuidade do capitalismo no modelo hegemônico iria provocar. Pois então! E o que podemos observar foi a retomada vigorosa, e ainda mais nefasta, da lógica do capitalismo neoliberal. E já experimentamos as consequências trágicas nos tempos atuais. Portanto, sem qualquer hesitação, eu respondo com um enorme “sim” a sua pergunta: estamos assistindo o início do fim do capitalismo maximalista neoliberal. Ninguém sabe dizer quais serão as consequências, nem a duração, nem a amplitude da presente crise, como ninguém previa que ela chegaria tão cedo e tão violentamente. No entanto, é necessário explicar a nossos leitores as conexões existentes entre economia, maximalismo, neoliberalismo, ecologia... em crises como esta. Desde o final dos anos 60, início dos anos 70, o Clube de Roma³ alertava que “se continuássemos a explorar os recursos naturais ao ritmo que o estávamos fazendo em 1968, seria inevitável que uma catástrofe de grandes proporções, de natureza ecológica ou outra, afetasse o mundo por volta dos anos 2017-2020. Um prenúncio⁴! A razão disso – isso é o que devemos compreender aqui – é que o modelo econômico neoliberal maximalista não respeita os limites das fontes e dos sumidouros naturais, levando à exploração excessiva e à destruição da resiliência e do equilíbrio com que a natureza desde sempre resguardou as espécies, os ecossistemas, os biomas, a biosfera, os continentes... Ou seja, esse “economismo” neoliberal faz pressão por invadir cada vez mais os espaços de vida, por derrubar as fronteiras (entre países, sistemas geográficos, espécies...) ao ponto de combinar, em escala global, dois fatores perigosos: por um lado, a busca por custos de produção cada vez mais baixos; e, por outro lado, a degradação exponencial dos ambientes naturais; ao multiplicar e acelerar as trocas e os contatos em todos os cantos do mundo. Isso fez com que as espécies animais e vegetais, até então cuidadosamente isoladas umas das outras pela natureza, fossem forçadas a contatos “antinaturais” que permitiram com que vírus e bactérias transpusessem as barreiras naturais, espaciais e mesmo culturais desfeitas pelo afã pelo lucro máximo. A tal situação, aliam-se as condições de pobreza e falta de higiene nas atividades de produção “deslocalizadas”, realizadas em rincões cada vez mais distantes. E quando esse sistema infringe o afastamento natural de espécies, surge a oportunidade de transmissões e mutações de micróbios e vírus que, então, passam de um tipo de organismo a outro até alcançar o ser humano. Eis a explicação de como os reduzidos salários – e o déficit de higiene acompanha a situação de pobreza – dos trabalhadores chineses (necessários para manter o nível de vida ocidental) combinados à contaminação viral entre o morcego, felinos selvagens, pangolins... e que chegou ao ser humano, bem como a circulação acelerada de mercadorias e pessoas entre os continentes respondem pela origem da calamidade atual que está sendo comparada às Sete Pragas do Egito e que acomete todo o planeta. Se mantida essa dinâmica, as coisas tendem a se agravar⁵ cada vez mais! E isso revela que “esse tipo” de capitalismo se mostra moribundo porque é, há muito, insustentável.

3 MEADOWS, D. L.; MEADOWS, D. H.; RANDERS, J. & BEHRENS, W. W. Limites do crescimento – um relatório para o Projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

4 Previsões fundamentadas em simulações computadorizadas realizadas pelos pesquisadores do MIT (Massachusetts Institute of Technology), Meadows et Forrester, em seu famoso projeto Industrial Dynamics de 1968.

5 Veja a velocidade com que os novos vírus têm se multiplicado e espalhado, a considerar doenças como a Aids, Ebola, Zika, Dengue...

Questão: Diante dessa pandemia, assistimos à expressão de egoísmos nacionalistas no mundo capitalista ao mesmo tempo em que vemos países mais conservadores, como o caso de Cuba, saírem em socorro de outros, como quando colocam seus médicos à disposição das regiões mais afetadas pelo COVID-19. Milton Friedman tentou inúmeras vezes enterrar Marx. Será Marx quem acabará por enterrar Friedman?

Resposta: Se tomarmos o termo “conservador” no sentido de consoante com a “economia mais tradicional, clássica”, “por não dizer anticapitalista, mas “para-comunista”⁶, então eu estou de acordo com o uso desse termo. Pois, nem Cuba, nem a China renunciaram às suas constituições comunistas e a Constituição de 1993 da Rússia não é, de forma alguma, capitalista neoliberal. Portanto, é um tanto estranho que sejam países como a Rússia, a China e Cuba (sem esquecer a Alemanha que é uma social-democracia pura e dura, que pauta as decisões econômicas pelo social e de forte condução estatal) que ofereçam ajuda diante da crise planetária. Quem poderia imaginar que aviões militares dos chineses comunistas aterrissariam em solo americano para entregar materiais de segurança sanitária! Ou que a França pediria ajuda a Cuba para enviar médicos aos territórios franceses nas Antilhas? Pois, ironia da História, são os países e os sistemas mais injuriados pelo Ocidente capitalista que ofereceram ajuda e esperança de saída dessa crise atual. Um dos motivos para tanto é que, diferente da ideologia neoliberal predominante no Ocidente (e mesmo noutras partes do mundo), em tais países o Estado não é tido como um mal necessário, um inimigo voraz e inútil, insaciável por orçamento público; mas ao contrário, o Estado está no centro das decisões econômicas, e não assumem que o meio ambiente e o ser humano sejam meros recursos à mercê da multiplicação infinita do capital. Se o Ocidente exalta o indivíduo, o individualismo, o empreendedorismo e o egoísmo, esses países priorizam a responsabilidade antes da liberdade individual, e o bem comum antes do bem particular. Logo, não me surpreende que países como a França, a Itália, a Inglaterra e, em particular, os Estados Unidos se revelem, ao mesmo tempo, egoístas e desprovidos do mínimo necessário para o enfrentamento da situação atual. Eis três frutos amargos do neoliberalismo: cada um por si; sucateamento dos bens públicos – que não geram resultados imediatos (especialmente, resultados financeiros a configurar lucros); e retração do papel do Estado que passa a servir apenas para assegurar a riqueza dos mais ricos ao renunciar impostos legítimos⁷, tributos esses que poderiam garantir recursos públicos para a compra de máscaras e para arcar com as necessárias medidas sanitárias básicas! Minha resposta é, mais uma vez, um sonoro “sim”: Marx há de enterrar Friedman, pois não há como equiparar o egoísmo, o individualismo e a livre iniciativa neoliberal às virtudes de longo prazo da responsabilidade coletiva, do sentido de comunidade e da primazia do bem comum.

6 Não se deve esquecer que é a presença preponderante dos partidos comunistas na política nacional e a interferência do Estado em suas economias que fazem com que nem China, nem a Rússia e nem Cuba sejam considerados países capitalistas, menos ainda neoliberais.

7 O que pensar, por exemplo, da resposta recente do ministro da economia da França, quando perguntado se era preciso reestabelecer a taxação das fortunas (abolida por Macron), quando disse que “não é criando impostos que ajudaremos a criar riquezas”? É sempre o mesmo cinismo plutocrata que se sobrepõe à racionalidade! Sabe-se que foram os altos impostos sobre as fortunas e as heranças (que chegavam a 90%!) implementados pelo Presidente Franklin Roosevelt dos Estados Unidos que permitiram os investimentos em infraestrutura de saúde das quais os EUA utilizam até hoje!

Questão: Em seu livro, você aborda a questão do paradigma termodinâmico na economia. Apoiando seus argumentos em cálculos matemáticos, o senhor postula que, uma vez que os recursos naturais sejam finitos, não é possível almejar um crescimento [econômico] infinito. O senhor argumenta que “existe um limite ao progresso material almejado pela humanidade e esses limites são de natureza material, física”. Os atentados contra o meio ambiente e a dilapidação dos territórios são a prova material desses limites, segundo o senhor. A natureza há de se revoltar contra a voracidade do capitalismo?

Resposta: É exatamente isso que a natureza tem feito relativamente ao Coronavírus, com as alterações climáticas, com o Ebola, com o Zika...! Vale lembrar dos textos premonitórios, não apenas de Marx – em seus trabalhos de 1844, e mais tarde na obra “Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política” e na obra “O Capital” – mas também de James Lovelock com sua hipótese de Gaia – descrita nas obras “Gaia: um Novo Olhar Sobre a Vida na Terra”⁸; “Gaia: alerta final”⁹ e em “A Vingança de Gaia”¹⁰ – que propõe que a Terra funciona como um organismo vivo complexo e, como tal, interage com elementos patogênicos contra os quais reage fabricando anticorpos para restaurar sua homeostase. Nós, espécie humana, em especial a sociedade ocidental, nos tornamos elementos patogênicos contra os quais a Terra se defende! Pois, como você disse, sim, a pilhagem dos territórios e dos oceanos, o massacre ao meio ambiente, a violência praticada contra seres vivos e obviamente contra os seres humanos, a despeito do equilíbrio ecológico, visam enriquecer cada vez mais os mais ricos... e os efeitos cumulativos disso tudo são sinais claros e inquestionáveis de que a Terra está se voltando contra a humanidade, e também é indício de que já ultrapassamos os limites do tolerável, e mais ainda os limites do sustentável. Como demonstrei no capítulo sobre as relações entre a termodinâmica, os usos e mal-usos da energia... e das atividades (ditas) econômicas insustentáveis, o aumento exponencial da entropia global¹¹ é tão implacável quanto incontrollável. Os limites da exploração contínua de matéria e energia¹² desse pobre planeta Terra já foram atingidos e bastante ultrapassados há décadas¹³. A Terra se defende como pode, inclusive contra os vírus. Nosso planeta é um sistema finito e limitado, não podemos ignorar isso impunemente e manter um modelo econômico insaciável e tendendo ao infinito, com lucros ilimitados!

8 LOVELOCK, James E. Gaia-Um novo olhar sobre a vida na Terra. Leya, 2020.

9 LOVELOCK, James. Gaia: alerta final. Editora Intrínseca, 2020.

10 LOVELOCK, James. A vingança de Gaia. Editora Intrínseca, 2020.

11 O conceito de entropia introduzido pelo físico Von Clausius evidencia a irreversibilidade do processo de deterioração constante da quantidade de energia disponível em um sistema. Em escala universal (que inclui a Terra), há uma ordem natural de direção única que transforma a energia disponível em energia (definitivamente) não disponível.

12 Sob a forma propriamente dita de recursos energéticos, como no caso dos combustíveis fósseis, ou na forma de madeira, minérios, fauna, flora... tudo isso explorado em escala tendente ao infinito enquanto as fontes não-renováveis estão longe de serem ilimitadas.

13 Veja, por exemplo, o índice do Dia da Superação da Terra (Earth Overshoot Day – EOD), anteriormente conhecido como Dia da Dívida Ecológica (Ecological Debt Day) que a cada ano calcula a data (daquele ano) em que o consumo de recursos excede a capacidade da Terra de regenerar esses recursos naquele ano. Calculado desde 1970, o dia da Superação da Terra recua no calendário a cada ano, comprovando que estamos esgotando cada vez mais rapidamente os recursos naturais e as condições de vida humana sobre o planeta. Em 1970, o Dia da Superação da Terra se situava no início de dezembro. Em 2019, o Dia da Superação da Terra recaiu em 29 de julho (para 2020 a data ainda não foi calculada), o que significa, desde julho de 2019 estávamos viver do crédito do que a Terra nos proverá até fins de dezembro de 2020!

Questão: O senhor prega um modelo econômico embasado numa aguda consciência humanista e ecológica. O senhor cita Robert Owen: “Se são as circunstâncias que fazem o ser humano, então façamos as circunstâncias humanamente”. Nas condições atuais, marcadas por uma retomada do humanismo e da solidariedade, estaríamos indo em direção a uma “pós-globalização” com uma cara mais humana?

Resposta: A economia é subordinada à ecologia, e não o inverso! A frase a que você faz referência ficou conhecida através de Marx, apesar de sua autoria, no início do século XIX, ser atribuída a Robert Owen, industrial inglês filantropo e “socialista utópico”. Deve-se compreender que as “circunstâncias: em questão” dizem respeito às “condições concretas de existência” humana sobre a Terra. “Fazer as circunstâncias humanamente” significa organizar a vida pragmática dos seres humanos e entre os seres humanos de maneira imbricada com o conceito de Natureza, por um lado e com o conceito de Humano por outro lado. Ao contrário do que é apregoado pelo desvario da tradição ocidental desde a época de Descartes (dentre outros), os humanos não são “o mestre e o senhor da natureza”. O ser humano é parte integrante e dependente da natureza. É esse conceito de “humano”, definido por Aristóteles como “ser social que convive em comunidade e em harmonia com o ambiente”, que deve orientar esse modo de se “fazer as circunstâncias humanamente”, isto é, justamente propícias para que o ser humano viva de modo humanizado, em respeito e harmonia com a natureza e com suas regras. E não coagindo tudo que existe como uma máquina de maximizar suas necessidades e seus desejos egoístas e infinitos. Eis meu conceito de “humanismo”, que deve ditar o que o político, o econômico, o cultural, o espiritual fazem ou oferecem. Creio que haja um otimismo excessivo ao se falar em “uma retomada do humanismo e da solidariedade” (sem dúvidas há iniciativas pontuais como fazem Cuba, China, Alemanha ou Rússia ou de filantropia humanitária que surgem aqui e ali), mas pessoalmente duvido disso. Pois não podemos ignorar que os fluxos dessa solidariedade são determinados pelo dinheiro (tenhamos em mente as enormes ofertas de auxílio financeiro e os pagamentos em dinheiro-vivo que chegam sob forma de ajuda chinesa, bem como as justificativas orçamentárias, de natureza neoliberal, para a escassez de equipamentos médicos nos países do ocidente)... O que há de acontecer, nesse contexto, com a multidão de pessoas que não conseguem sequer pagar pelo prato de comida a cada dia? Somente poderíamos dizer de um verdadeiro humanismo e solidariedade quando tudo aquilo que é indispensável à vida digna e de qualidade não esteja condicionado ao dinheiro, mas à distribuição equitativa do que a Terra possa realmente fornecer de maneira plenamente sustentável.

Portanto, creio que seja necessário clamar pela atenção e reflexão – de ambos os lados – sobre o fato irônico de que estão sendo os países mais deslegitimados, com reputação de não democráticos, de autoritários, de inimigos dos direitos humanos – como Cuba, Rússia ou a China – que manifestam maior resiliência, solidariedade e humanismo diante das atuais circunstâncias trágicas. E que oferecem auxílio a países ricos, desenvolvidos, civilizados e democráticos, mas perfeitamente incapazes de enfrentar essa tragédia, como tem sido o caso dos EUA sobretudo. É curioso ver que na linha de frente dos esforços para “salvar o mundo” estão os países mais insultados pelo neoliberalismo e os “trabalhadores de base e mal-pagos”: como os enfermeiros, os socorristas, os professores, os seguranças, os lixeiros, os motoristas de transportes públicos, os caminhoneiros, os agentes municipais, os pequenos comerciantes, os padeiros, os entregadores, as costureiras de máscaras e aventais, as empregadas domésticas...

e tantos outros que não me ocorre de elencar agora, são eles que assumem o risco e empreendem a ação concreta diante da tragédia do Coronavírus. Cadê os líderes, os empresários, os ricos e milionários (é claro que há algumas notáveis exceções dentre esses), os bancos, a bolsa de valores, o mercado financeiro? O que estão fazendo diante dessa luta de vida ou morte? Assim como na Crise de 2008, esses atores se fazem invisíveis e inaudíveis! Estão blindados em seus “confortáveis abrigos fiscais” de fundações privadas que, de tempos em tempos, oferecem migalhas para remediar a penúria da sociedade. Espero que possamos aprender as lições necessárias de uma vez por todas, não subtraindo a responsabilidade de empresários e empresas, mas dando a cada ator social os papéis e os privilégios que merecem. Para tanto, é preciso começar com um profundo questionamento quanto a tudo o que se ensina nas faculdades de administração e economia, como explicitiei em meu livro de 2002.

Tradução

Traduzido do original em francês por Carolina Lopes Araújo.

Original

INGRACHEN, Amar. Le coronavirus est le fruit amer du capitalisme maximaliste neoliberal. Omar Aktouf, économiste. In: Actualité. Algérie Cultures. Boumerdès, Algérie, 15 abr. 2020. Disponível em: <<https://algeriecultures.com/actualite-culturelle/le-coronavirus-est-le-fruit-amer-du-capitalisme-maximaliste-neoliberal-omar-aktouf-economiste/>>.